

Portugal

Migrações Nações Unidas apelam aos governos para baixar barreiras

A legalização dos muitos ilegais é agora "um desafio" para o país



ADRIANO MIRANDA

Portugal é o mais "generoso" em políticas de integração

As iniciativas de Portugal na integração de imigrantes "estão na vanguarda da Europa e do mundo", mas falta avaliar a sua eficácia prática

Clara Viana

● As medidas adoptadas por Portugal com vista à integração dos imigrantes foram premiadas pelas Nações Unidas. É o país com melhor classificação na atribuição de direitos e serviços aos estrangeiros residentes. A Índia, com uma parcela de imigrantes inferior a um por cento (em Portugal é de sete), foi a pior classificada no estudo ontem divulgado, feito com base em questionários a peritos de imigração de 42 países, entre os quais figuram a Suécia, França, Alemanha, Canadá, Espanha, Reino Unido, Chile e China.

O estudo faz parte dos mais de 60 que apoiam o *Relatório de Desenvolvimento Humano* de 2009 da ONU, este ano consagrado aos "mil milhões de pessoas que se encontram em migração dentro dos seus próprios países ou para o exterior".

Isabel Pereira, especialista em políticas do Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano, e uma das autoras do estudo que distingue Portugal, explicou ao PÚBLICO que através daqueles inquéritos se tentou perce-

ber como era o acesso aos serviços de educação e de saúde, se os imigrantes tinham direito de voto e quais os seus direitos laborais e a assistência social às suas famílias. "No geral, Portugal mostrou-se mais generoso do que os outros países", diz.

Esta conclusão reforça o que foi apurado em 2007 pela organização independente Migration Policy Group, no seu Índice de Políticas de Integração de Migrantes (MIPEX), o qual é também agora citado pela ONU e que deu a Portugal o segundo lugar entre os 25 países da UE.

50 mil ilegais

As iniciativas portuguesas para a integração dos imigrantes "estão na vanguarda da Europa e do mundo", constata Isabel Pereira. Mas como tanto o MIPEX como o estudo de que é co-autora avaliaram sobretudo o quadro jurídico, a investigadora adverte que falta olhar para o resto: "Muitas das iniciativas adoptadas são de 2007. São muito recentes. É preciso ainda avaliar a sua aplicação, a sua eficácia."

A avaliação já feita choca com o qua-

Imigrantes em Portugal



dro de "escravatura moderna" que, segundo as associações de imigrantes, continua a subsistir em Portugal, e de que são vítimas os cerca de 50 mil irregulares que por cá permanecerão.

A resolução desta situação constitui "um desafio para Portugal", admite Isabel Pereira, lembrando que o país "não estava habituado a gerir fluxos de

imigração". Era mais um país de emigrantes do que destino de imigrantes e continua, aliás, a sê-lo. Por cada 15 novos imigrantes que chegam, saem 100 portugueses para o exterior, segundo revela um estudo de Helena Rato, do Instituto Nacional de Administração.

Intitulado *Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos*, o relatório de ONU de 2009 parte de uma constatação: "Para muitas pessoas em todo o mundo, sair da sua cidade natal, ou da sua aldeia, poderá ser a melhor - ou, às vezes, a única - opção para melhorar as suas oportunidades de vida."

E tem um objectivo ambicioso: levar os governos a fazerem o contrário do que muitos têm praticado, alargando os "canais de entrada existentes para que mais trabalhadores possam emigrar", embora mantendo o sistema de quotas. E dando-lhes direitos, entre eles o de não permanecerem ilegais. Com as migrações garante-se mais riqueza, maior circulação de ideias e troca de culturas e, por isso, mais desenvolvimento humano, defende a ONU.

Em queda

Educação

Entre 2000 e 2007, 77,4 por cento dos portugueses com idades a partir dos 25 anos não foram além do ensino básico. No *Relatório de Desenvolvimento Humano* de 2009, Portugal tem a pior performance na educação entre o grupo de 38 países que as Nações Unidas avaliam como de "desenvolvimento humano muito elevado". Israel e os Estados Unidos lideram quanto à percentagem da população com o ensino superior, com, respectivamente, 39,7 e 36,2 por cento. Em Portugal eram 11,2 por cento.

Desigualdade

Os dados do relatório da ONU divulgado hoje são, em geral, de 2007. Antes da crise, Portugal mantinha um dos seus "recordes" de 2006. Continuava a ser o país mais desigual da UE, com um resultado de 38,5 no índice de Gini (uma escala entre 0 e 100, sendo que 0 representa igualdade absoluta e 100 desigualdade absoluta). Uma posição que reflecte esta situação: os dez por cento mais ricos de Portugal ganham 15 vezes mais do que os dez por cento mais pobres.

Desenvolvimento

Portugal desceu um lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Passou de 33.º para 34.º lugar. No relatório de 2007, estava em 29.º lugar. A primeira descida deveu-se a uma "revisão importante" de indicadores do Banco Mundial e da UNESCO, esclarece Isabel Pereira, do Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano da ONU. A segunda deve-se ao comportamento das componentes que constituem o IDH (esperança média de vida à nascença, taxa de alfabetização de adultos, taxa de escolarização, PIB per capita, etc.). Por falta de informação relativa à percentagem de população funcionalmente analfabeta e dos que vivem abaixo de 50 por cento dos rendimentos face à média nacional, a ONU optou por não atribuir uma posição a Portugal no Índice de Pobreza Humana.

Género

Portugal está em 28.º lugar no que respeita à situação das mulheres. E em 19.º quando se mede a participação segundo o género, onde se avalia, entre outras componentes, a percentagem de mulheres no Parlamento e no Governo.

Políticas de integração